

Começemos com duas jovens num baile.

Encontram-se na orla do salão. Uma, usando luvas, sentada numa cadeira, a abrir e a fechar um livrinho de danças. A outra de pé, ao lado dela, a apreciar o baile: os pares que circulam, as mãos apertadas, o barulho dos sapatos, as saias rodopiantes, a vibração do soa-lho. É a última hora do ano e as janelas por detrás delas embranqueceram-se de noite. A jovem sentada traja algo de cor clara, Esme já não se lembra, a outra, um vestido vermelho-escuro que não lhe fica bem. Perdeu as luvas. Começa aqui.

Ou talvez não. Talvez comece antes, antes da festa, antes de vestirem as suas melhores roupas, antes de as velas se acenderem, antes de a areia ser espalhada sobre as tábuas, antes de começar o ano cujo final estão a festejar. Quem sabe? Seja como for, acaba numa grade a tapar uma janela com todos os quadrados exatamente da largura de duas unhas de polegar.

Se Esme se dispuser a olhar para longe — ou seja, para o que fica para lá da grade metálica —, descobre que, passado um instante, algo acontece ao mecanismo de focagem dos olhos. Os quadrados da grade vão toldar-se e, se ela se concentrar suficientemente, desaparecer. Há sempre um momento antes de o corpo se recompor, reajustando os olhos à verdadeira realidade do mundo, em que é apenas ela e as árvores, a estrada, o além. Nada pelo meio.

Os quadrados, em baixo, têm a tinta lascada e consegue-se ver as diferentes camadas de cor dentro umas das outras, como anéis de uma árvore. Esme é mais alta do que a maioria e, por isso, consegue ver a parte onde a tinta está nova e espessa como alcatrão.

Atrás dela, uma mulher faz chá para o seu marido falecido. Ele morreu? Ou fugiu, apenas? Esme não se recorda. Outra anda à procura de água para regar plantas que morreram há muito numa vila à beira-mar não muito longe daqui. São sempre as tarefas insignificantes que perduram: as lavagens, os cozinhados, as arrumações, as limpezas. Nada de majestoso ou significativo, apenas os ínfimos rituais que mantêm unidas as costuras da vida humana. A rapariga obcecada por cigarros já recebeu dois avisos e toda a gente acha que se prepara para receber um terceiro. E Esme pergunta-se onde começa — é ali, é aqui, no baile, na Índia, antes?

Não conversa com ninguém, atualmente. Quer concentrar-se, não gosta de manchar as coisas com a distração da fala. Tem um zootrópio dentro da cabeça e não gosta de ser apanhada em falta quando ele pára.

Gira, gira. Pára.

Na Índia, então. No jardim. Ela com uns quatro anos, sentada no degrau das traseiras.

Por cima, as mimosas acenam-lhe com as copas, polvilhando o relvado com poeira amarela. Se o atravessasse, deixaria um rasto atrás de si. Quer qualquer coisa. Quer qualquer coisa mas não sabe o quê. É como uma comichão que não consegue coçar. Uma bebida? A sua *ayah*? Uma fatia de manga? Massaja a picada de um inseto no braço e empurra a poeira amarela com o dedo do pé descalço. Ao longe, algures, consegue ouvir a corda de saltar da irmã a bater no chão e o breve arrastar de pés, pelo meio. Bate afasta bate afasta bate afasta.

Vira a cabeça, à escuta de outros barulhos. O brrr-clop-brrr de um pássaro nos ramos da mimosa, uma escavadela na terra do jardim — raspe, raspe — e, algures, a voz da mãe. Não distingue as palavras mas sabe que é a mãe a falar.

Esme salta do degrau para aterrar com os dois pés juntos e corre pela lateral da casa. Junto ao lago dos lírios, a mãe está debruçada sobre a mesa do jardim a servir-se de uma chávena de chá, o pai ao lado estendido numa rede. Os contornos dos seus trajes brancos cintilam ao calor. Esme semicerra os olhos até os pais se toldarem em duas formas indistintas, a mãe, um triângulo, e o pai, uma linha reta.

Atravessa o relvado a contar, dando um pulinho a cada dez passos.

— Ah. — A mãe levanta os olhos. — Não estás a dormir a sesta?

— Acordei. — Esme equilibra-se numa perna, como as aves que vêm ao lago à noite.

— Que é da tua *ayah*? A Jamila?

— Não sei. Posso beber chá?

A mãe hesita, desdobrando um guardanapo sobre o joelho. — Querida, acho melhor...

— Dá-lhe um bocado, se ela quiser. — O pai diz isso sem abrir os olhos.

A mãe deita o chá numa chávena e passa-lha. Esme agacha-se por baixo do braço estendido e aninha-se-lhe no colo. Sente a renda a arranhar, o calor de um corpo sob o algodão branco. — A mãe era um triângulo e o pai, uma linha reta.

A mãe mexe-se na cadeira: — Desculpa?

— Disse que a mãe era um triângulo...

— Hum. — As mãos da mãe agarram-lhe os braços. — Está muito calor para mimos, hoje. — Esme é novamente posta no chão. — Porque não vais procurar a Kitty? Ver o que ela está a fazer.

— Está a saltar à corda.

— Não podes ir ter com ela?

— Não. — Esme estende o braço e toca na cobertura de açúcar de um brioche. — Ela é muito...

— Esme — a mãe afasta-lhe o pulso da mesa —, uma senhora espera que lhe ofereçam.

— Só queria ver como era.

— Bom, não faças isso, por favor. — A mãe recosta-se na cadeira e fecha os olhos.

Esme observa-a por um instante. Está a dormir? Uma veia azul pulsa-lhe no pescoço e os olhos movem-se sob as pálpebras. Pequenas esferas de água, não mais do que pontas de alfinete, brotam da pele por cima do lábio. Onde acabam as tiras do sapato e começa a pele, os pés da mãe exibem marcas vermelhas. A barriga está dilatada, empurrada por mais um bebé. Esme já o sentiu, a contorcer-se como um peixe apanhado. Jamila diz que acha que este tem sorte, que este vai sobreviver.

Esme olha para o céu, para as moscas rondando os lírios no lago, para a forma como as roupas do pai saem pela parte de baixo da rede em triângulos de tecido folgado. Ao longe, ainda consegue ouvir a corda de saltar de Kitty, o raspe raspe da escavadela — ou é um barulho diferente? Depois ouve o zumbido de um inseto. Vira a cabeça e vê que desapareceu, por detrás dela, para a esquerda. Vira-se outra vez mas está mais próximo, o zumbido mais alto, e sente-lhe as patas enredadas no cabelo.

Esme dá um salto, a abanar a cabeça, mas o zumbido é ainda mais alto e de súbito sente o trémulo arrastar de asas por cima da orelha. Dá um grito, a sacudir a cabeça com as mãos, mas o zumbido é agora ensurdecedor, bloqueando todos os outros sons, e sente o inseto a enfiar-se dentro da estreita passagem do ouvido — e o que é que vai acontecer, vai comer-lhe o tímpano e entrar-lhe para o cérebro e ela vai ficar surda como a menina no livro da Kitty? Ou vai morrer? Ou o bicho viverá dentro da sua cabeça e ela vai ficar para sempre com aquele barulho lá dentro?

Solta outro grito estridente, ainda a sacudir os cabelos, a cambalear pelo relvado, e o grito transforma-se em choro e precisamente quando o zumbido começa a passar e o inseto sai do ouvido, ouve o pai dizer — Que se passa com a pequena? — e a mãe a chamar por Jamila.

Será esta a memória mais antiga? Talvez. Fraco começo — o único de que se lembra.

Ou será aquela vez em que Jamila lhe pintou um rendilhado de *henna* na palma da mão? Viu a linha da vida e a linha do coração interrompidas por um novo desenho. Ou Kitty a cair no lago e a ter de ser de lá tirada e levada para casa embrulhada numa toalha. Jogar ao berlinde com os filhos da cozinheira fora do perímetro do jardim. Ver a terra à volta do tronco grosso da figueira baniana a borbulhar de formigas. Podiam muito bem ser essas.

Talvez fosse esta. Num almoço, quando a prenderam a uma cadeira, bem amarrada pela cintura. Porque, como a mãe explicou aos presentes, a Esme tem de aprender a portar-se bem. O que, sabia Esme, significava não sair da cadeira até a refeição acabar. É que ela adorava o espaço por baixo da mesa e não conseguiam evitar que lá se metesse, na interdita privacidade debaixo da toalha. Há algo pe-

culiarmente tocante nos pés das pessoas. Nos sapatos delas, gastos em vários sítios, nas maneiras de apertar os atacadores, nas bolhas, nos calos, quem cruzava os tornozelos, quem cruzava os joelhos, de quem eram as meias de seda com buracos, quem usava peúgas desirmanadas, quem se sentava com uma mão no colo — tudo isso ela sabia. Escorregava da cadeira, ágil como um gato, e ninguém a alcançava para a tirar de lá.

A atadura é uma echarpe que pertence à mãe. Tem um desenho de que Esme gosta: cornucópias roxas, vermelhas e azuis. Paisley, diz a mãe que se chama, e Esme sabe que é uma terra na Escócia.

A sala está cheia. Kitty, a mãe, o pai, e alguns convidados — vários casais, uma rapariga com um cabelo escandalosamente curto, a quem a mãe colocou à frente de um jovem engenheiro, uma mulher mais velha e o filho, e um homem sozinho, sentado ao lado do pai de Esme. Esme acha, mas não tem a certeza absoluta, que estão todos a comer sopa. Crê recordar-se da subida e descida das colheres, do barulho do metal na porcelana, dos discretos sorvos e tragos.

Conversam, sem parar. O que poderá haver para dizer? Tantas coisas, pelos vistos. Esme não consegue pensar em nada, uma única coisa, que desejasse partilhar com estas pessoas. Empurra a colher para um dos lados da taça, depois para trás, vendo como a sopa gira num redemoinho. Não está a ouvir, as palavras pelo menos, mas sim a concentrar a audição no ruído coletivo. É como o dos papagaios no arvoredado alto, ou uma reunião de sapos ao lusco-fusco. O mesmo som grgp-grgp-grgp.

De súbito e inesperadamente, levantam-se todos. Pousam as colheres, saltam das cadeiras e correm para fora da sala. Esme, a sonhar acordada, a pensar nos redemoinhos da sopa, em sapos, deixou escapar alguma coisa. Vão todos a falar excitadamente e Kitty dá um encontrão ao pai para chegar primeiro à porta. A mãe, com a pressa, esqueceu-se de Esme, amarrada à cadeira.

Ela observa, colher na mão, boca aberta. O vão da porta engole-os, ao convidado engenheiro em último, e ouve-lhes os passos a desaparecerem pelo corredor fora. Volta-se, estupefacta, para a sala deserta. Os lírios mostram-se, orgulhosos e impassíveis, numa jarra de vidro; o relógio conta os segundos, um guardanapo escorrega para o chão. Pensa em gritar, em abrir os pulmões e berrar. Mas não